



Pré-história e indígenas

Alfredo Wagner em Revista

**Jubileu de Diamante
1961 - 2021**

EDITORIAL

Ao comemorarmos o Jubileu de Diamante de Alfredo Wagner, relembremos e homenageamos por estas páginas todos aqueles que em grau maior ou menor contribuíram para a formação deste município.

Nesta edição da Revista do Jubileu vamos destacar a pré-história e as várias tribos de indígenas que por aqui passaram.

Não pense o leitor que estamos desconectados deste período histórico pelo fato de ter ocorrido há milhares de anos.

Pelo contrário, a terra e o clima, em constante mutação, repete sempre suas fases e devemos estar precavidos para evitar os mesmos erros cometidos pelos antepassados.

Veremos como desmoronamentos levaram áreas imensas cobrindo de lava ou lama animais e abrigos.

Veremos que é possível preservar sem perder a posse e guardar para as gerações futuras o que o passado cobriu de terra e lama.

A relação presente/passado continua pelo futuro afora e devemos estar atentos para que as lições aprendidas possam ser compartilhadas.

Com grande satisfação, após editar a Revista do Cinquentenário em 2011, hoje presto esta homenagem ao município que me acolheu e ao qual devoto minha admiração e meu amor.

Alfredo Wagner merece esta homenagem, que comigo prestam empresas e empresários!

Parabéns Alfredo Wagner, que tua história futura seja tão gloriosa como foi o passado!

Jornalista Mauro Demarchi

7 de Abril de 2021

ALFREDO WAGNER EM REVISTA - JUBILEU DE DIAMANTE

É PUBLICADA POR BRASIL MONARQUISTA

FOTOGRAFIA
Arquivo Histórico Municipal
Jornal Alfredo Wagner Online
Brasil Monarquista

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Mauro Demarchi
MTS 0005225/SC
DIAGRAMAÇÃO
Mauro Demarchi

AUTORES NESTA EDIÇÃO
Pe. João Alfredo Rohr, SJ
Altair Wagner
Juliano Norberto Wagner
Mauro Demarchi



RESTAURANTE
E LOJA DE CONVENIÊNCIA



HOTEL

Paradouro Battistella

BR-282, S/N, PICADAS
ALFREDO WAGNER - SC



POSTO DE COMBUSTÍVEL



PRODUTOS COLONIAIS - ADEGA - PRESENTES
COMÉRCIO DE ROUPAS E JEANS



FOTO AÉREA: MANUELA MARIANI

SUMÁRIO

A GEOLOGIA DA REGIÃO DE ALFREDO WAGNER	5
INTRODUÇÃO	8
PANGEA, MESOSAURUS...	8
...E ÍNDÍGENAS	9
BIOGRAFIAS	14
PE. JOÃO ALFREDO ROHR	15
ALTAIR WAGNER	18
BALCINO MATIAS WAGNER	20
O SÍTIO ARQUEOLÓGICO DE ALFREDO WAGNER	25
OBRAS REQUEREM SALVAMENTO ARQUEOLÓGICO	29
BIBLIOGRAFIA	30
ARQUEOLOGIA EM ALFREDO WAGNER	31
PALAVRAS DO PREFEITO	32

SOLUÇÕES PRA VOCÊ

 CONTA CORRENTE

 PREVIDÊNCIA

 CONSÓRCIO

 CARTÕES

 CRÉDITO

 SEGURO



COOPERATIVISMO: A FORÇA TRANSFORMADORA DE MUITOS POR UM SÓ IDEAL.

Para cuidar do seu dinheiro, busque uma alternativa mais justa. Escolha a cooperativa de crédito que atua com eficiência, promove inclusão financeira e é mantida por pessoas como você: os cooperados. Assim, toda operação financeira se transforma em benefícios com taxas e condições muito melhores.

 **SICOOB**
Crediaraucária



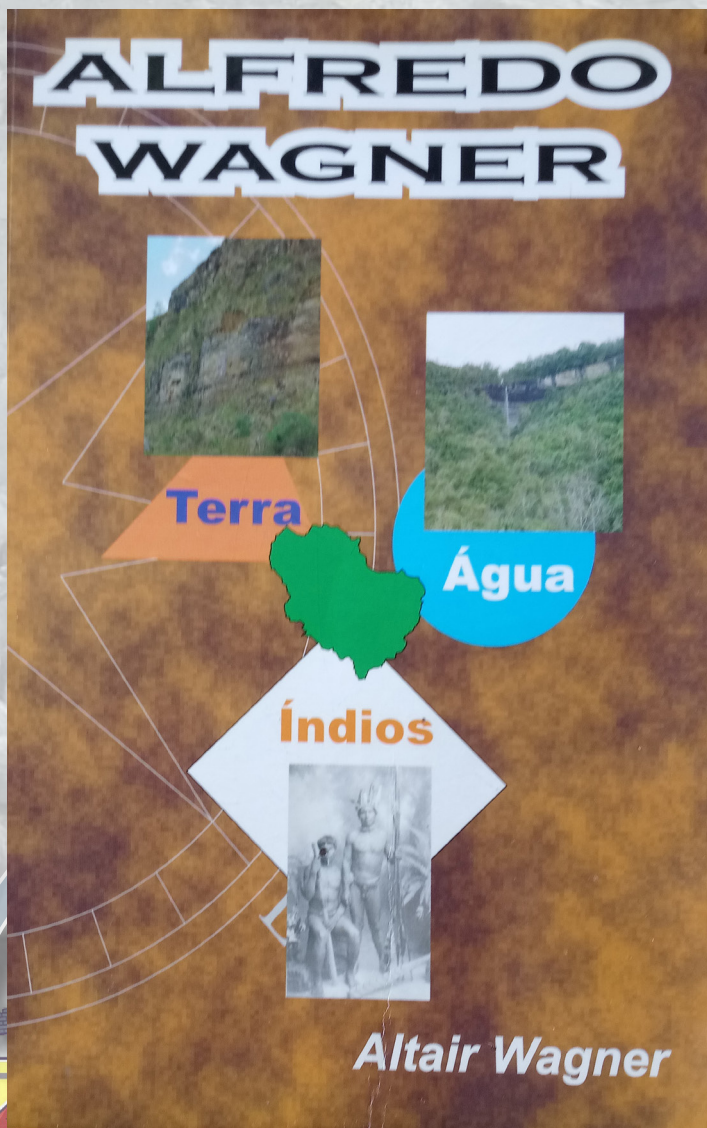
A GEOLOGIA DA REGIÃO DE ALFREDO WAGNER

Eng. Altair Wagner

No livro “*Alfredo Wagner: terra, água e índios*”, páginas 12 a 13, o Eng. Altair Wagner descreve a geologia do território hoje ocupado pelo município de Alfredo Wagner na Serra Catarinense. Altair Wagner é fundador do Museu de Archeologia da Lomba Alta, onde está arquivada e exposta a história antiga e moderna da Capital Catarinense das Nascentes.

A área objeto deste estudo é essencialmente formada por rochas do grupo Itararé (Formação Rio do Sul), grupo Guatá (formação Rio Bonito e Palermo) e escassos afloramentos da Formação Irati.

A **Formação Rio do Sul**: aflorantes nos limites da cidade de Alfredo Wagner e vizinhanças, é representado por uma sucessão de três associações principais de fácies: uma inferior, sobreposta diretamente ao embasamento, compreendendo diamictitos (perto bica antiga), varvitos e folhelhos de ambiente glacial-glacígeno; uma intermediária, marinha, formada por ritmitos, arenito-folhelho e diamictitos e; outra superior, que inclui diamictitos e varvitos, folhelhos, arenitos e conglomerados, mais uma vez de caráter glacial.



A **Formação Rio Bonito**: é a mais extensamente distribuída e está representada pelos seus três membros clássicos:

EMPRESA LÍDER NO DESENVOLVIMENTO DE SOFTWARE PARA MISTURAS DE ALGODÃO



Rua Padre Cristovão Arnold, 2283 - Estreito - Alfredo Wagner - SC

O **Membro Triunfo**: inferior representa um episódio deltáico que seguiu-se ao evento glacial do Itararé. É constituído essencialmente de arenitos;

O **Membro Paraguaçu**: membro de natureza predominantemente argilosa, caracteriza uma ingressão marinha.

O **Membro Siderópolis**: que inclui rochas areníticas e argilosas, as quais associam-se camadas de carvão, formou-se numa condição ambiental em que predominaram ações fluviais,



Folhelhos - este material é utilizado como revestimento para estradas como na foto antiga, fornecida pelo Dr. Max Figueiredo. Folhelho é popularmente conhecido como cascalho.

lacustres e paludais. Na região de Lomba Alta os arenitos da formação Rio Bonito afloram de maneira generalizada, imprimindo caráter notável à topografia, aí caracterizada por uma extensa plataforma recortada pelos elementos da drenagem, determinam a formação de escarpas abruptas e vales profundos que, em certos locais, alcançam desníveis superiores a 50m.

A **Formação Palermo**: é representada por siltitos amarelados, normalmente muito alterados pelo intemperismo, em afloramentos poucos expressivos.

A **Formação Irati**: Um excelente afloramento da Formação Irati ocorre nas cercanias de Lomba Alta, em local de antiga pedreira. Trata-se de uma ocorrência de folhelhos piro-betuminosos portadores de concreções de sílex, característica do chamado membro

assistência. Nesta formação é que costumam ser encontrados restos fósseis dos réptil "Mesosaurus Brasiliensis".

Castro J.C. (1988) descreveu uma notável sucessão das rochas do Itararé (Formação Rio do Sul) e da Formação Rio Bonito num itinerário de cerca de 6,5Km ao longo da BR-282 (a maior parte em cortes da estrada), partindo de Alfredo Wagner em direção a Bom Retiro. O referido autor num roteiro geológico preparado para o Seventh Gondwana Symposium, realizado em São Paulo naquele ano, assinala na cidade de Alfredo Wagner, a presença de diamictitos maciços com intercalações de lentes de siltito e arenito (no local da antiga "bica" - na cidade de Alfredo Wagner).

Cerca de 100m adiante, cruzando a ponte, aparece uma exposição contínua de aproximadamente 40m da parte mais superior da Formação Rio do Sul, bem como da parte mais inferior do Membro Triunfo. Esta porção da Formação Rio do Sul constitui uma seqüência progradante de folhelhos,



arenitos finos (de origem lacustre/deltáica) diamictitos (ambiente sub-aquoso), arenitos conglomeráticos e carvão (ambiente fluvial/planície deltáica).

Cerca de 800m do município de Alfredo Wagner, na BR-282, um pacote de arenitos do Membro Triunfo sobrepõe-se ao sedimento glacio-marinhos da Formação Rio do Sul. No Km 6,5 da mesma rodovia. Um corte espetacular

da estrada permite observar cerca de 50m do Membro Siderópolis (acima do coxo d'água, onde está havendo acomodação do terreno).

O afloramento é formado por três fácies principais, atribuídas a condições deltaicas marginais: arenitos com estratificações cruzadas, argilito carbonoso e uma camada de carvão com 0,8m de espessura; de planície deltáica (sequência afinando para cima, que inicia por conglomerado e termina com folhelho carbonoso e carvão e, finalmente, de linha de costa transgressiva (arenitos superiores, de planície arenosa marinha) que culmina com siltitos de origem marinha rasa da Formação palermo. Prosseguindo-se em direção a Bom Retiro, ocorrem sucessivamente sedimentos das Formações Irati, Serra Alta e Teresina.

Destacamos, no momento, no município de Alfredo Wagner, pontos que entendemos serem de importância sob o aspecto Geológico. A seguir:

a) Afloramento do Escudo Cristalino (granito), na BR-282, próximo a São Leonardo.

Latitude: 27°40'646"

Longitude: 49°13'995"

b) Presença de Diamictito (Grupo Itararé, formação Rio do Sul), na cidade de Alfredo Wagner (junto à antiga bica).

Latitude: 27°41'889"

Longitude: 49°20'018"

c) Corte na BR-282 com cerca de 50m de altura no Km 6,5, após a cidade de Alfredo Wagner (Coxo D'água), que apresenta do Grupo Guatá, formação Rio Bonito, o membro Siderópolis - em que J.C. Castro apresentou em 1988 no Seventh Gondwana Symposium, em São Paulo.

Latitude: 27°43'990"

Longitude: 49°22'059"

d) Pedreira - Cascalho - Grupo Passa Dois - Formação Irati — Membro Assistência, onde por dezenas de anos o DER e o órgão que o antecedeu retirava o material para revestimento de estradas. Trata-se de Folheto pirobetuminoso. Nesta formação é

que costumam ser encontrados restos fósseis do réptil "Mesosaurus Brasiliensis"

Latitude: 27°44'763"

Longitude: 49°23'817"

e) Poço de Sondagem Lacrado - Pesquisa de Urânio por técnicos brasileiros e alemães no período entre os anos de 1972 e 1973.

f) Local do Museu, em Lomba Alta, município de Alfredo Wagner.

Latitude: 27°44'174"

Longitude: 49°23'215"

Altitude: 878m

g) Na antiga estrada Florianópolis, Santa Tereza (hoje Catuira), Bom Retiro, junto ao Morro Costão do Frade, as tropas de animais ocasionavam atoladouros. A solução veio com o calçamento de acima de 5,5Km com placas de pedra. Este árduo trabalho foi executado no fim do século XIX.

PONTO I:

Latitude: 27°43'575"

Longitude: 49°28'135"

Altitude: 1.038m

PONTO2:

Latitude: 27°43'792"

Longitude: 49°28'125"

Altitude: 1.037m

Alfredo Wagner.





Jornalista Mauro Demarchi

PANGEA, MESOSAURUS...

O desenvolvimento das pesquisas e achados possibilitou novos conhecimentos acerca de períodos históricos passados.

A abundância de informações revelam novos fatos sobre os primitivos habitantes do território hoje ocupado por Alfredo Wagner.

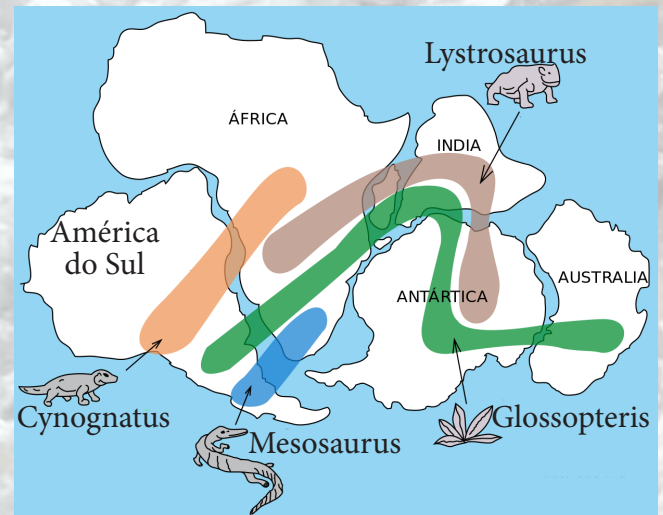
INTRODUÇÃO

Quando os continentes ainda eram unidos e a natureza inóspita e primitiva, nossa região foi percorrida por bandos de mesossauros, um tipo de réptil que apareceu no período carbonífero e sobreviveu até o período triássico, ou seja, há 200 milhões de anos.

Os mesosaurus, quando adultos, alcançavam um metro de comprimento, tinham patas com membranas interligadas e longa calda. Cataclismos naturais ocorridos no fim do período triássico fizeram com que espécies desaparecessem, soterrados em lama e lava vulcânica.

Naquela época havia apenas um continente chamado Pangeia.

Um fóssil do mesosaurus brasileiro foi encontrado no município de Alfredo Wagner em 1990 por pesquisadores da Universidade Federal de Santa Catarina.



Em Alfredo Wagner foi encontrado fóssil de lepidodendro, árvore com escamas, comuns nos depósitos de carvão e xisto argiloso do Carbonífero,



especialmente da idade Pensilvaniana. Entre o final desse período e o início do Permiano, porém, o clima mais seco levou as licopodiófitas gigantes à extinção.



Fóssil de Mesosaurus da Coleção de Paleontologia no Museu das Culturas Dom Bosco

Separados os continentes por novos e contínuos cataclismos, outras espécies foram surgindo e o ser humano por aqui começou a circular,

...E ÍNDÍGENAS

Não é intenção desta Revista apontar culpados por ações passadas cujos interpretes procuram vitimar uns e exaltar outros.

Segundo datações de peças indígenas encontradas em Alfredo Wagner, a ocupação deste território se deu há muitos anos, tendo sido utilizado principalmente como passagem quando da fundação da Colônia Militar Santa Thereza.

Em nenhum momento, nas pesquisas realizadas por mim, encontro referência a aldeamentos com idade anterior a 2500 anos. Peças encontradas e datadas apontam para essa época.

O território, hoje compreendido por Alfredo Wagner muito íngreme e escarpado com variantes de altitudes indo de 400 mts a 1800 mts acima do nível do mar, se tornava impróprio para um grande aldeamento.

O Pe. Alfredo Rohr sugere um grande desmoronamento ocorrido há 3000 mil anos que soterrou o atual centro de Alfredo Wagner (onde indícios apontam para um aldeamento) como causa da fuga dos indígenas destas terras.

seguindo os animais que fugiam de suas caçadas.

Peças de artefatos descobertas em sítios arqueológicos em Alfredo Wagner são indícios de que em épocas distintas várias nações indígenas ocuparam estas terras.

Altair Wagner no livro "Alfredo Wagner: Terra, Água e Índios" relata que por aqui passaram indígenas das tradições Taquara, Umbu, Guaraní, Xokleng, Kaigang (parentes dos Xokleng, mas seus ferrenhos inimigos). Também por aqui passaram índios da tradição Humaitá, cuja característica é a produção de artefatos em forma de bumerangue e da tradição Alto-paranaense com características semelhantes a tradição Humaitá na fabricação de peças de pedra.

Os XOKLENGS

Falemos dos Xoklengs, últimos conquistadores e senhores absolutos destas terras antes da chegada dos imigrantes.

Pesquisas arqueológicas mostram que os Xoklengs foi uma das últimas grandes nações da primitiva América.

Acostumados a vencer e expulsar seus inimigos, não contavam com a persistência e as armas dos imigrantes.

Os índios Xoklengs viviam em pequenos grupos ao longo dos campos da serra, vales litorâneos e bordas do planalto sul do Brasil.

Estes grupos tinham grande mobilidade, indo e vindo pelas matas e perais.

Os diversos grupos se reuniam apenas uma vez por ano para uma grande cerimônia.

Comércio de Madeiras Almeida



Venda de Madeiras, Casas Pré-Fabricadas
Janelas e Materiais de Construção

Marcelo Neto de Almeida
Proprietário

(48) 3276.1656

9.8837.8894

Rua do Comércio, 720 - Centro
88450-000 - Alfredo Wagner - SC
cma2712@gmail.com

APACHE STORE

A SUA LOJA DE ARMAS

RUA DO COMÉRCIO, 118 CENTRO
ALFREDO WAGNER/SC

Armas, munições, caça, pesca, camping, selaria, chapéus, botas, bombachas, vinhos, cervejas artesanais, facas campeiras, e muito mais você encontra aqui!



APACHE
store

48-3276 1552
www.apachestore.com.br

Os Xoklengs não cultivavam a terra. Viviam da caça e da exploração de frutos dos lugares por onde passavam. Não possuíam sistema de escrita e como outras tribos suas tradições eram transmitidas oralmente.

Sua arte se resumia a poucos sinais e trançados em esteiras e poucos adereços.

“Dominaram” não é eufemismo... esta etnia soube manter-se contra inimigos, sem utilizar-se da guerra, mas de uma arte de guerrilha que confundia e assustava aos invasores.

Muito inteligentes, os Xoklengs utilizavam-se de técnicas de combate específicas para aterrorizar e espantar as tribos nativas ou invasoras.

Era a mulher, entre os Xoklengs, quem decidia onde parar e quanto tempo ficar numa certa região. Por isso, os índios procuravam aterrorizar principalmente as mulheres de outras tribos, evitando o combate frente a frente com os homens.

Esta técnica surtiu efeito com todas as tribos indígenas, onde a mulher era quem decidia, mas não com a mulher do colono.

As mulheres que chegaram com suas famílias para colonizar estas terras, eram tão guerreiras quanto seus maridos, pais, irmãos e filhos, pois sabiam manejar as armas do mesmo modo que sabiam usar machados e enxadas ou a linha e agulha para fazer suas roupas.

O RELACIONAMENTO ENTRE INDÍGENAS E COLONOS

Quando os índios Xoklengs perceberam que a guerrilha usada para espantar as mulheres não surtiu efeito, mas provocou uma reação de defesa, passando a ser de perseguição e guerra, procuraram fazer as pazes com os imigrantes e a partir de 1910 as relações começaram a melhorar um pouco entre eles.

As miscigenações entre as etnias, que já existiam, ou a redução em territórios específicos, onde viviam isolados e reclusos com suas tradições eram o futuro para os índios.

Em noticiário publicado pelos jornais da época ficamos sabendo que o relacionamento entre indígenas e colonos era comumente pacífico, porém, quando renegados e fugitivos uniam-se a eles, havia provocações contra os

colonos agricultores, com roubo de animais, peças de ferro, etc.

Foi nesse período e pela influência de renegados brancos, que os indígenas passaram a usar o ferro na fabricação de pontas de flechas e lanças, pois este lhes era desconhecido, fazendo com que o roubo de foices e facões aumentasse.

Sebastião Antônio Pereira, o Bastião da Gracinha, fundador do Barracão, era um grande amigo dos indígenas, auxiliando no processo de pacificação e aculturação dos xoklengs que por aqui passavam em suas andanças pela Serra.

O relacionamento entre eles era muito bom. Sebastião Pereira sempre deixava alguns produtos que os indígenas mais gostavam a disposição



BEBIDAS FAGUNDES
DESDE DE 2009

48. 3276-1914 | 98451-3171 | 98817-9722

FACEBOOK/BEBIDAS-FAGUNDES

48 3276.1914

9.99496466 / 9.8817.9722

bebidasfagundes@gmail.com

Rua do Comércio, 391 - Centro - Alfredo Wagner - SC



INTERATIVO CONTABILIDADE
MAX R. SANTOS CONTABILIDADE - ME

Max Roberto Santos
CRC 15C25367/O-3

Rua Anitápolis, 340 | Sl. 101 | maxroberto@gmail.com
Centro | 88.450-000 | (48) 3276-2254
ALFREDO WAGNER | SC



Sebastião A. Pereira, fundador do Barracão, e esposa. Eram amigos dos indígenas e nunca foram molestados por eles

deles e sempre recebia algum mimo dos Xoklengs.

Em uma das muitas leituras que fiz sobre o assunto, encontrei referência a um triste fato ocorrido. provavelmente, onde hoje se localiza o Saulo Hotel ou imediações.

Um grupo de jovens mulheres estavam trabalhando na roça, longe de suas residências, quando foram avisadas que alguns bugres se aproximavam. Imediatamente recolheram seus apetrechos e fugiram.

No caminho se deram conta da falta de uma criança de colo. Temerosas voltaram imediatamente e encontraram o bebe já morto espetado numa lança e os índios em debandada.

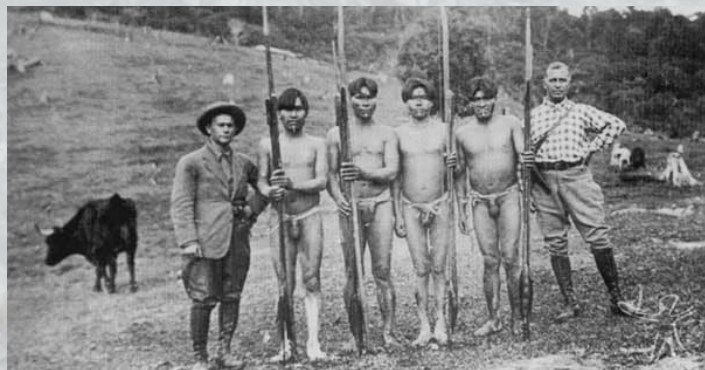
Infelizmente perdi as anotações onde deixei registrado o local deste relato e aqui apenas o posso repetir sem que o leitor ou a leitora possa conferir a fonte.

O Pe. João Alfredo Rohr, Pai da Arqueologia Catarinense, em seu estudo publicado na revista Pesquisas, Antropologia n.24, do Instituto Anchieta de Pesquisas, em 1971, cita diversos fatos sobre este relacionamento.

O Padre Rohr faz notar que se o colono tratava o indígena com respeito ele também era respeitado, caso contrário, era vingança na certa.

Ele conta que em Petrolândia, "José Moser, um dos primeiros sitiantes, teve o seu pequeno rebanho dizimado pelos índios. Como fim

de incutir respeito aos selvícolas ia descarregando, a esmo, a espingarda para dentro da mata, toda a vez que escutava algum ruído suspeito ao longo da estrada. Apesar de alertado da temeridade de sua atitude provocadora, prosseguiu atirando. Não tardou que uma flecha partisse das brenhas e se cravasse na espinha de Moser, que tombou do cavalo e foi morto pelos indígenas, junto com a montaria; enquanto o seu companheiro, Carlos Reuter, escapa sem ser molestado.



Quando os colonos foram buscar o cadáver da vítima, os índios, dentro da mata, levantaram grande alarido, acompanhando o cortejo e provocando os brancos com muitos gritos; até o cortejo abandonar a estrada da mata e ganhar o campo aberto."

O Pe. João Alfredo Rohr conta este fato que ouviu de testemunhas oculares: "Hercílio Coelho, vaqueiro dos Campos de Lages, viu-se atacado de câncer, que lhe devorava o nariz. Como o mal se agravasse mais e mais, deixando-o horrivelmente desfigurado, o infeliz Horácio, já desesperado de poder curar-se, desceu a serra para ir morrer sozinho nas matas do vale do Rio Perimbó, onde, na época, não existia habitação alguma de homem

MERCADINHO E LANCHONETE

MIRO

Desde 1990

(48) 3276-1386

Rua Anitápolis, 270 - Centro
Alfredo Wagner - SC

branco. Foi encontrado aí pelos índios. Estes, vendo o estado deplorável do homem branco, compadeceram-se dele. Prepararam uma pasta de ervas, previamente socadas e maceradas, que colocaram na ferida de Horácio Coelho. Com este remédio o doente melhorou e, aos poucos, a ferida foi cicatrizando-se por completo.

Horácio Coelho, mais tarde, foi morador de Petrolândia e quando voltava de fazer uma caçada feliz, deixava pendurado num galho de árvore, um bom quarto de anta, para que seus benfeitores, os índios, se regaliassem com aquela presa fácil.

Alerta o Pe. Rohr, na mesma revista, página 9, ao tratar de Urubici, que “desde o início da imigração dos brancos (os índios) respeitavam-nos e tratavam-nos com justiça e cavalheirismo. NÃO ATACAVAM POR TRAIÇÃO. Esperavam, no entanto, o mesmo tratamento dos brancos. Quando estes os tratavam mal ou agrediam, estavam sujeitos a serem flechados a qualquer hora.

“Assim sucedeu a um tal Maneco Anjo. Este alvejara, atoa, um índio, não avaliando o perigo a que se expunha. Tendo, um dia, ido rio Urubici abaixo para a caça, amarrou sua “petiça” junto dos cavalos dos outros companheiros de caçada. Ao voltar encontrou os outros animais intatos, ao passo que da sua petiça só restava no lugar a buchada. Fazendo mais tarde roça, foi agredido por um bando de bugres armados e, não fossem os gritos de sua filhinha, que o alertaram em tempo de se por a salvo, estaria perdido. A conselho de um índio manso Maneca Anjo abandonou a região com o fim de salvar a vida.”



Índios Xoklengs, bugres ou botocudos



Entre as histórias contadas por Nilza Kalbusch Maffei, descendente de uma das famílias mais antigas do município, não poderia faltar aquelas sobre os bugres.

Era comum, conta ela, nos primeiros tempos da ocupação do território de Alfredo Wagner, que os homens se reunissem e fossem caçar. A necessidade os obrigava a ausentar-se, deixando as mulheres cuidando das terras.

Os indígenas, muito espertos, não querendo enfrentar os homens com suas armas, ficavam de tocaia e, ao chegar a noite, atacavam as casas em bando, assustando as mulheres, balançando as construções, de modo a afugentar os colonos. Naquele dia, as mulheres logo se esconderam no porão que havia embaixo da casa.

Uma delas, conta minha sogra, não conseguiu a tempo e se escondeu

FARMÁCIA DO CECEU

Alceu Osvaldo Sebold

R. Hercílio Luz, 35
Alfredo Wagner - SC, 88450-000
(48) 3276-1256



CENTRO COMERCIAL "CLAUDIO MARIOTTI"
R. ANITÁPOLIS, 176, SALA 02, CENTRO - ALFREDO WAGNER-SC
FONE: (48) 3276- 1371

embaixo da cama, armada com espingarda deixando o cano visível.

Um índio, desavisado e achando que as mulheres não sabiam utilizar as armas de fogo, vendo aquele cano de ferro embaixo da cama resolveu puxar para si, talvez imaginando que na outra ponta estivesse uma bela “alemoa”. Neste instante a arma dispara matando o índio na hora. Seus companheiros, assustados, arrastam o índio e fogem apavorados.

Quando os homens voltaram e tomaram conhecimento do que havia acontecido, saíram em busca dos silvícolas, mas não os encontraram mais, mesmo seguindo o rastro de sangue do índio morto.

Por outro lado temos mais um bom exemplo do relacionamento entre índios e colonos também pode ser visto em Bom Retiro, município ao qual Alfredo Wagner pertenceu a partir de 1910 até a sua emancipação em 1961.

O governo destinou nos anos 30 do século passado uma grande área para ocupação dos Xoklengs.

Quando os índios terminaram a derrubada da mata e a venda da madeira, passaram a vender terrenos dentro desta área. O governo, então, destinou duas outras áreas que também, em poucos anos, foram desmatadas e vendidas.

Não restando mais nenhum dos antigos Xoklengs naquelas terras, apenas seus descendentes, foi destinado a cada uma das famílias remanescentes, uma casa no centro de Bom Retiro com o respectivo terreno. Ainda hoje vivem lá algumas destas famílias.

Um fato muito curioso e que merece registro: quando da entrega dos terrenos aos Xoklengs, um

carpinteiro “alemão” foi contratado para ensinar aos índios a construção de casas de madeira e ajudá-los naquela tarefa. A intenção era fixá-los nas terras que ganharam.

O carpinteiro que havia recém enviuvado, ficando com filhos pequenos, se encantou por uma índia Xokleng que lhe correspondeu e ambos passaram a viver juntos.

O filho do primeiro casamento deste carpinteiro contou que era costume na época (para proteger os índios) fazer um contrato de união por um ano. Findo o prazo os dois formalizavam a união. E foi o que aconteceu: se casaram. Os filhos primeiros de ambos se davam muito bem, o mesmo se dando com os filhos que o casal teve depois.

Hoje, muitas famílias em Alfredo Wagner apresentam traços característicos da etnia indígena demonstrando que a melhor solução para ambos os lados é a miscigenação natural, permitindo que os corações se unissem e não a vontade política em escondê-los em ghettos inacessíveis.

Nos tempos em que trabalhei na Reunidas conheci dois motoristas cuja ascendência era indígena.

Um deles, motorista que atendia a linha Lages/Florianópolis, já com mais de 60 anos, era bugre. O outro, vindo de Goiás, atendia as linhas de Chapecó/Florianópolis, era filho de yanomanis, já estabelecidos naquele estado.

Ambos eram bons amigos, excelentes profissionais, competentes motoristas. Talvez ainda estivessem vivendo nús e sem perspectiva de futuro se não houvesse a inserção deles na sociedade que foi beneficiada pelo caráter simpático, inteligente e sagaz dos dois.



Sicredi

Gente que coopera cresce

**Rua Anitapolis, 453 - Centro
Alfredo Wagner - SC - 88450-000
Telefone: (48) 3276-1543**



Especialidades médicas, ultrassonografias, endoscopia digestiva alta, pequenos procedimentos cirúrgicos.
(48) 3276-1451



*Laboratório de
Análises Clínicas
Padre Alfons
(48) 3276-1792*



DOIS MILITARES E SUAS FAMÍLIAS EM VISITA AO TÚMULO DO SOLDADINHO EM 1920.

Os dois possuem clara ascendência indígena, suas esposas e filhos também. A senhora à direita, filha de imigrantes alemães ou italianos, provavelmente, é mãe, ou sogra do primeiro casamento, do

militar à direita. As duas crianças junto da senhora mencionada, são nitidamente netas dela.

Seriam apenas pessoas que estavam lá no momento e que foram convidadas a participar da fotografia? A união entre eles demonstra que não, mas que formam uma família.

A fotografia demonstra que a miscigenação é a melhor solução para o problema do choque de etnias.

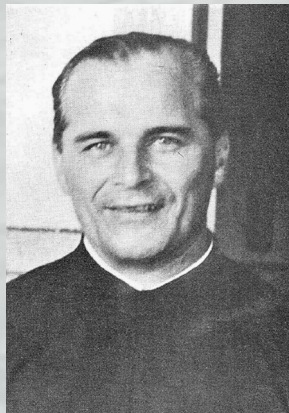
75 % da população brasileira possui em suas veias sangue indígena pois desde o momento em que o primeiro português se apaixonou pela primeira índia, começou o amálgama deste povo.

Violências ocorreram, com certeza, e não as estamos aprovando. O que não podemos esquecer é nossa origem indígena, que nos torna este povo tão especial e difícil de dominar como é o brasileiro!

BIOGRAFIAS

Alfredo Wagner em Revista - Jubileu de Diamante publicará o resumo de algumas biografias concernentes ao período tratado em cada edição. Neste exemplar você conhecerá o Pe. João Alfredo Rohr, Altair Wagner e Balcino Matias Wagner. Os três tem em comum a arqueologia.

O Pai da arqueologia catarinense, Pe. Rohr esteve em Alfredo Wagner onde fez escavações na propriedade do Sr. Balcino que preservou o local até a chegada do Padre. Já o Eng. Altair Wagner, também apaixonado por história e arqueologia, criou e fundou o Museu de Arqueologia da Lomba Alta.



CASA JUNG
 Selma de Aquino Jung
 f casaiung45@hotmail.com
 Rua do Comércio, 125 - Centro
 Fone (48) 3276-1117

Fundada em 1969
 Moda Masculina e Feminina
 Calçados, Enxovais e Aviamentos

MÓVEIS ALMEIDA

Rua do Comércio, 288
 Alfredo Wagner - SC - 88450-000
 (48) 98848-3592

PE. JOÃO ALFREDO ROHR

Muitos sacerdotes e bispos passaram por estas terras alfredenses e todos acrescentaram algo de bom nos anais da nossa história. Muitos foram esquecidos, como o padre xará da nossa cidade.

Estou me referindo ao Pe. João Alfredo Rohr, (1908-1984), jesuíta, arqueólogo, considerado com toda justiça o "Pai da Arqueologia Catarinense". Sua vida religiosa, profissional e intelectual foi atuante, tendo produzido e deixado muitos frutos.

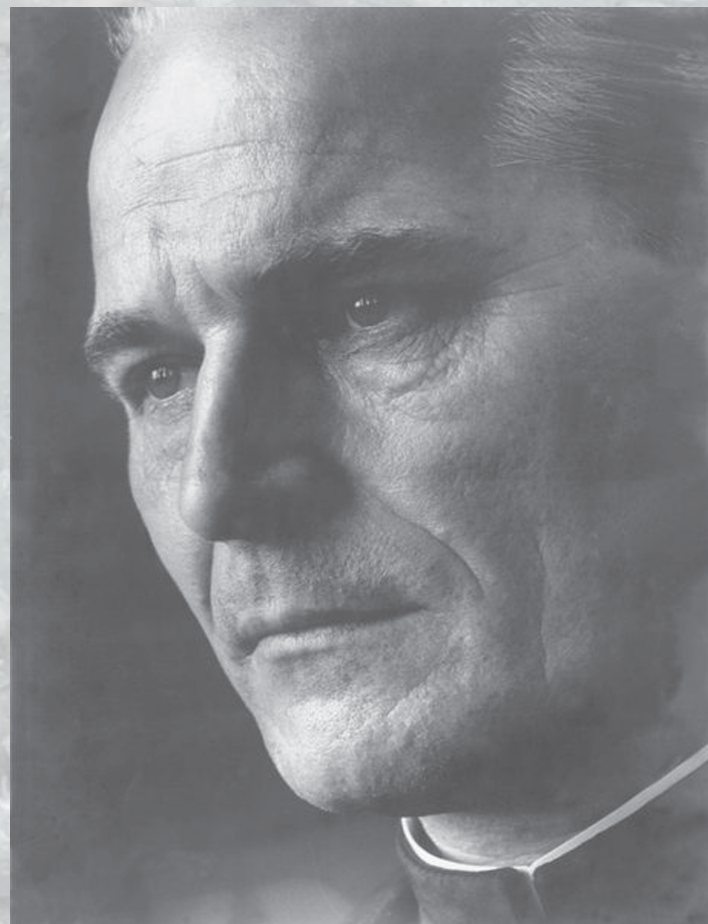
Uma de suas obras "O Sítio Arqueológico de Alfredo Wagner, SC" publicado na revista Pesquisas 1967 relata o trabalho desenvolvido no município nas pesquisas arqueológicas por ele e sua equipe. O texto da revista não está disponível na internet, assim que tivermos acesso ao exemplar da obra, aqui publicaremos um artigo completo.

Mas, quem foi o Pe. Rohr?

Gaúcho, natural do Município de Arroio do Meio, filho de agricultores em uma família religiosa,

Sua formação se realizou em seminários do Rio Grande do Sul: o ginásio em Pareci Novo e São Leopoldo (1921-1926), o noviciado (1927-1928) e Estudos Humanísticos (1929) em Pareci Novo, Filosofia (1930-1932) e Teologia (1937-1940) novamente em São Leopoldo, e mais um ano (1941) em Pareci Novo.

Entre a Filosofia e a Teologia (1933-1936), fez suas primeiras



experiências como educador no mesmo seminário menor em que ele estudara, em São Leopoldo, dando aulas de Aritmética, Italiano e História Natural e respondendo pelo Museu do Seminário, que reunia amostras do reino mineral, vegetal, animal e humano. O futuro estava-se delineando e o museu nunca mais sairia de sua vida.

João Alfredo avançou também na carreira religiosa: em 1927 tornou-se



**Moda
Costura
Consertos de
roupas
Representante
Bradesco**

Rua Anitápolis, 120, Centro
Alfredo Wagner - SC



(48) 3276-1672 - (48) 98826-8563
Rua Padre Cristóvão Arnold, 206
Estreito - Alfredo Wagner - SC

jesuíta, em 1929 fez seus primeiros votos religiosos, em 1939 se ordenou sacerdote, em 1941 completou a formação. No ano seguinte, com 33 anos, foi destinado ao Colégio Catarinense, onde viveu e trabalhou 42 anos, até a sua morte em 1984.

P. João Alfredo participou nessa comunidade em todas as posições requeridas: como professor, como regente de classe e de divisão, como administrador, como assistente religioso e confessor, como criador de cultura e pesquisador, até como transportador.

Uma das tarefas que foram atribuídas ao P. João Alfredo nesta comunidade foi o ensino, que se estendeu de 1942 a 1964, abrangendo as matérias de Física, Química e História Natural, preparadas sempre com muita seriedade.

Depois de 22 anos de magistério, as aulas lhe foram retiradas, por um equívoco. O grande sofrimento conseqüente não o fez parar, nem pedir transferência para outra comunidade, mas investir as suas forças na pesquisa, que o tornou famoso em todo o Brasil e muito além de suas fronteiras. Hoje, pode-se dizer, sem medo, que ele foi o arqueólogo que mais escavou no Brasil e cujos trabalhos foram lidos e apreciados por maior número de pessoas, arqueólogos e, especialmente, por não-arqueólogos.

Com as grandes escavações ganhou novo destaque o museu. Este tinha começado como uma reunião variada de materiais curiosos, como eram, então, os grandes museus do mundo. Em 1954 o museu teve o acréscimo de um setor de etnologia, com materiais dos índios Botocudos de

Santa Catarina. Em 1955 foi acrescentado um orquidário, que foi uma das ocupações preferidas de P. Rohr. Logo cresceu o material arqueológico com o trabalho de campo e aquisição de coleções e a instituição passou a se chamar "Museu do Homem Americano" (1963), nome substituído, em 1965, por "Museu do Homem do Sambaqui", que finalmente teve o acréscimo de "Padre João Alfredo Rohr, S.J." Quando não estava no campo, ele vivia numa antiga casa, limpando, etiquetando, restaurando e estudando o material. Ali tinha sua cama; ali morreu depois de entregar seu último texto para ser publicado



Seu maior cuidado eram os esqueletos humanos; muitos ele cimentava para levá-los inteiros ao museu. Embora se ocupasse muito seriamente com a localização e proteção de todos os sítios arqueológicos do Estado de Santa Catarina, sua preocupação principal eram os esqueletos. Por isso, quando em algum sambaqui se anunciava o aparecimento de esqueletos, ele se dirigia para lá e se possível instalava uma escavação. No salvamento

**Rede
Menor Preço**



Farmácia Bardt

Aqui você pode mais!

IVALDO BARDT - (48) 3276-1185 - (48) 98401-4096

**Rua Hercílio Luz, 109 - Centro
Alfredo Wagner / SC**

**Farmácias
Brasil
PoupaLar**



(48) 3276-2355

**RUA ANITÁPOLIS, 635
CENTRO
ALFREDO WAGNER / SC**

de esqueletos e sítios arqueológicos mais de uma vez foi ameaçado de morte.

A rotina diária não mudava: dormia cedo, levantava com o canto do galo para rezar, depois envergava o macacão cinza com mangas, amarrava o lenço ao pescoço, calçava as botas gaúchas e cobria a cabeça com um capacete de explorador. Ele mesmo fazia a escavação, anotava, desenhava e fotografava o material e o recolhia com muito cuidado. Ele mesmo preparava as refeições para si e para seus ajudantes; elas consistiam de um cozido em que ele misturava, na mesma panela, elementos muito variados.



Também sua atividade pastoral com a população da Ilha não era pequena. Mesmo quando ficava mais tempo em trabalhos arqueológicos, não esquecia seus compromissos pastorais.

P. João Alfredo Rohr era um jesuíta do seu tempo, no limiar de um tempo novo.

Do seu tempo: Levava vida retráida, não escutando rádio, nem assistindo sessões cinematográficas ou musicais. Tampouco perdia tempo com longas conversações. Assim ganhava

tempo para o estudo e o recolhimento (são palavras suas). Contava apenas com a formação comum de todo jesuíta, em Humanidades, Filosofia e Teologia, sem nenhum diploma universitário para o trabalho que mais o destacou, a Arqueologia.

No limiar de um tempo novo: Para fundamentar suas pesquisas ele acompanhou todos os cursos e estágios que pesquisadores estrangeiros vinham oferecer no Brasil e se fez amigo deles na busca de recursos financeiros. Ele incorporou em sua pequena equipe de campo alunos do único curso de arqueologia que se implantava no Brasil, buscando transmitir-lhes seu conhecimento.

Ele participava dos simpósios anuais que diversas instituições começavam a promover no Sul e Sudeste do Brasil. Mas ele não se candidatou como membro da Sociedade de Arqueologia Brasileira, fundada em 1980, que era a modernidade, sendo então proclamado sócio honorário, em reconhecimento a seu trabalho. Esta sociedade oferece em cada reunião bianual o Prêmio Padre João Alfredo Rohr a um arqueólogo, que se tenha destacado na pesquisa e proteção de sítios arqueológicos brasileiros.

Sua atividade constante de educador, professor, administrador, sacerdote, homem de ciência e cultura deixou uma larga esteira no coração de centenas de milhares de pessoas que o conheceram pessoalmente ou através de seus numerosos e bem feitos escritos.

Mais informações sobre sua vida e obra podem ser encontradas na Revista Pesquisas, Antropologia, nº 40. <https://www.anchietano.unisinos.br/>



**FABRICA DE
PICOLÉS E SORVETES
KIMILK**

(48) 3276-1081
(48) 98809-0884

Rua Major Pedro Borges, nº 53 - Centro
Alfredo Wagner



**Sorveteria
Nina e Fedo**

SORVETE EXPRESSO

Aceitamos encomendas de tortas de sorvete.

(48) 98841-5561 | (48) 98841-5602

Praça da Bandeira, s/nº - Alfredo Wagner

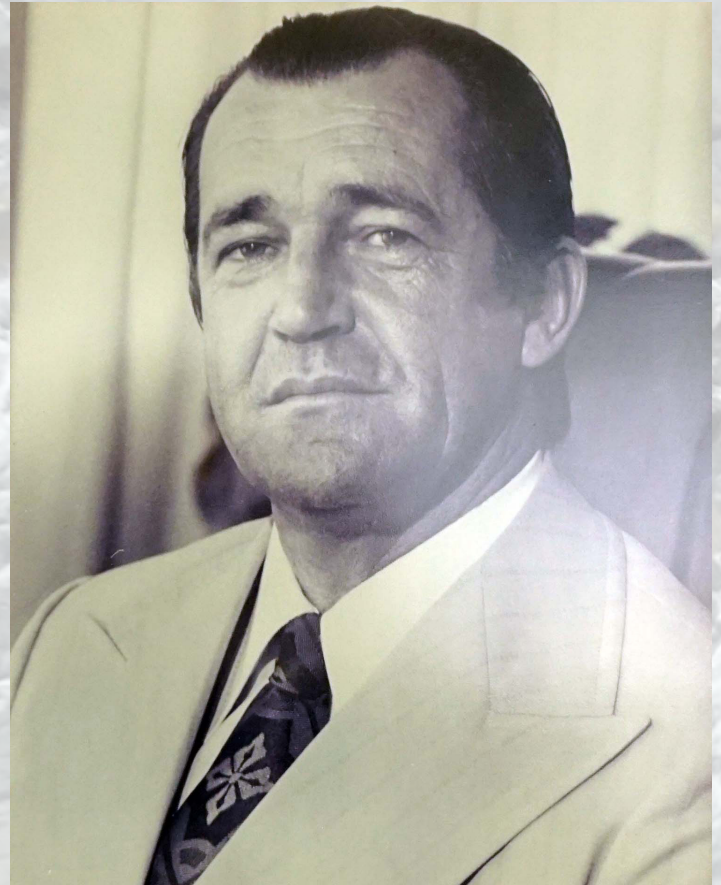
ALTAIR WAGNER

O Engenheiro ALTAIR WAGNER nasceu em 20 de Setembro de 1930, fez seus estudos primários na Escola Isolada da Lomba Alta, o secundário em Bom Retiro.

Estudou em Lages e Curitiba e se formou pela Escola de Engenharia da Universidade do Paraná em 1956.

Foi engenheiro do DER de Florianópolis, de Chapecó, engenheiro da Secretaria dos Negócios do Oeste, Prefeito de Chapecó, Presidente da AMOSC, Associação dos Municípios do Oeste de Santa Catarina, administrador da Regional da CASAN em Chapecó, diretor presidente da CELESC, presidente do Conselho de Administração da ERUSC, Coordenador de Meio Ambiente da CELESC, em 1989/1990 participou como um dos representantes da CELESC junto à “JICA” missão japonesa para aproveitamento hidrelétrico do Vale do Itajaí.

Foi fundador e presidente de diversas associações, sendo membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, Presidente do Conselho Curador da Fundação Alfredo Henrique Wagner.



Em 1972 recebeu título de “Cidadão Chapecoense”, recebeu em 2003 a “Comenda da Ordem de Santa Teresa” e em 2006 a Comenda “50 anos de atividades profissionais” do IEP, Instituto de Engenharia do Paraná e CREA Paraná e em 2010 o Diploma de “Amigo da Cultura Literária” conferido pelo Dr. Mário Carabajal da Academia de Letras do Brasil.

É autor dos livros: “Relatório de uma viagem de 50 dias (Europa-Ásia-África)” lançado em caráter familiar em 1986; “Genealogia da Família Wagner”, em 1987; “Alfredo Wagner, Terra, Água, Índios”, em 2002; “E... Chapecó levantou vôo” em 2005; elaborou em 1987 a pesquisa “Micro História de Lomba Alta e Localidades Vizinhas – Primeiros Moradores” ainda a ser lançado.

Membro da Academia de Letras do Brasil/SC municipal Alfredo Wagner, tendo recebido a posse das mãos do Dr. Mário Carabajal durante o II Encontro Catarinense de Escritores de Alfredo Wagner e Região em julho de 2010.



Altair Wagner na entrada do Museu de Arqueologia da Lomba Alta com o jornalista Mauro Demarchi. Ali o Eng. Altair Wagner recebe autoridades, amigos, imprensa, professores e alunos. A todos apresenta o Museu que sua dedicação construiu, sempre com humildade e simpatia. Explicando com orgulho a origem e razão de cada peça do acervo!

Em 2007, com um grupo de amigos, encontrou o local do “marco” assentado em 12/04/1791, no ponto culminante do Morro do “Trombudo” divisa das províncias de Santa Catarina e de São Paulo.

Sua paixão pela arqueologia e pela história, natural e humana, está registrada no MUSEU DE ARQUEOLOGIA DA LOMBA ALTA.

Idealizou e fundou o Museu onde a história é resgatada e preservada ficando à disposição de visitantes, estudantes e profissionais.

Fundado no cinquentenário da morte de Alfredo Henrique Wagner, avô de Altair Wagner em 20 de outubro de 2002, o museu é uma réplica, em estilo suíço-germânico, da residência do patrono do município.

O museu abriga no andar térreo vasto material de interesse arqueológico, geológico, numismático e

ecológico, e, no sótão, antiguidades diversas como louças, ferramentas, vestuário, a maioria pertencente à família de Alfredo Wagner.

O acervo do Museu foi paciente-mente completado com peças de sua propriedade, adquiridas ao longo dos anos ou mesmo recebidas de doadores para ficar sob a guarda da Fundação Alfredo Henrique Wagner

Em 2006, o Museu já não comportava o acervo. Feito novo projeto em alvenaria com 369m², Altair Wagner pleitou e foi aprovado pela Secretaria de Turismo Cultura e Esporte de Santa Catarina R\$200.000,00, que foi o suficiente para a construção.

Atrás do Museu, Altair Wagner plantou um bosque de árvores nativas alfredenses, com todas as espécies frutíferas comestíveis encontradas nas matas do Município.



Exemplos do acervo do Museu de Arqueologia da Lomba Alta: à direita, peças de artefatos indígenas feito em pedra e à esquerda, diversos fósseis. O Museu conta com uma ala dedicada à numismática, que é o estudo sob o ponto de vista histórico, artístico e econômico das cédulas, moedas e medalhas. O vasto acervo permite que estudantes de todos os níveis possam encontrar referências e exemplos para suas teses.



(48) 98864-0143

HR Hotel & Churrascaria
Kretzer



(48) 3276-1292

BR-282 - Trevo, Alfredo Wagner - SC, 88450-000

BALCINO MATIAS WAGNER

Vamos dedicar nesta

Alfredo Wagner em Revista - Jubileu de Diamante uma homenagem especial a Balcino Matias Wagner. Não há quem não tenha ótimas recordações deste alfredense que quase alcançou os 100 anos. Foi em suas terras que o Pe. João Alfredo Rohr fez as escavações que trouxeram à luz do dia restos arqueológicos importantes que hoje estão no Museu do Homem do Sambaqui pois aqui ainda não havia o nosso museu. Sua disposição em permitir a escavação, interrompendo o trabalho em sua olaria, mostra bem como era seu espírito empreendedor e de vasta cultura. Transcrevo aqui a homenagem ao Seu Balcino realizada por Juliano Norberto Wagner e publicada no site <http://carol-pereira.blogspot.com> gentilmente revisada pelo autor para esta edição.



Por Juliano Norberto Wagner

O nome Balcino Matias Wagner foi dado a escola e a rua em Alfredo Wagner, mais especificamente no bairro Estreito, no qual ele residiu por mais de meio século. Mas quem foi esse cidadão? Filho de José Henrique Wagner e de Landolina Isabella Luísa Schlichting Wagner, nasceu no município vizinho de Anitápolis em 20/10/1919. Em fins da década de 1930 mudou-se para Barracão, hoje Alfredo Wagner, onde permaneceu até o fim de seus dias - faleceu em 12 de junho de 2013, prestes a completar 94 anos. Representou um dos grandes baluartes do progresso, da cultura e da vida social alfredense. Em seu quase um século de vida, tornou-se mítico, folclórico e legendário.

Muitas pessoas passam pela vida agindo com probidade e retidão, mas poucas marcaram e marcarão tanto as quatro ou cinco gerações que com ele tiveram a satisfação de conviver como o fez seu Balcino, como era chamado. Libriano justo e pacífico, foi dos

maiores colecionadores de amigos que já passaram por nossa comuna. Ao longo de suas nove décadas de vida, somou milhares deles, não só no município, mas por todos os cantos do estado e fora dele e, inclusive, além das fronteiras nacionais. Afirmava que, se algum desafeto teve, dizia não se lembrar.

Seu Balcino contava se inspirar em seu tio Alfredo Wagner, patrono do município, no que tangia a tratar e receber indistintamente todas as pessoa, sem fazer acepção de pobres, ricos, católicos, luteranos, ateus, pessoas ilustres, anônimas... a todos dispensava tratamento igual, marcado por copiosa cortesia e afabilidade.

Por falar em pessoas ilustres, foi dos poucos alfredenses que conheceu pessoalmente todos os prefeitos que governaram o município, e, ademais, cultivou com eles fortes laços de amizade, desde o prefeito Major Pedro Weinhardt Borges, nomeado em 1961, até Naudir Antônio Schmitz, mandatário na época da morte de Balcino. Sobre cada um deles possuía



O Barracão quando Balcino Matias Wagner por aqui chegou.

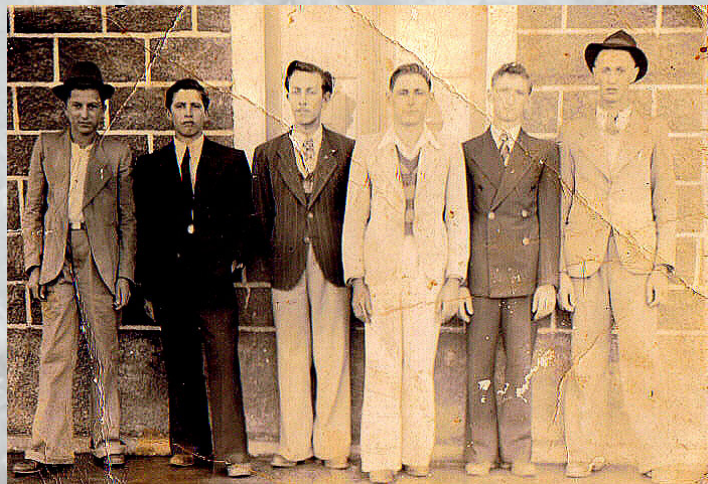
interessantes histórias a narrar. Era, por essas e outras relevantes informações que continha, um valioso arquivo vivo, sobre os mais diversos aspectos da história do Município.

Chegou aqui em 1939, solteiro, contando 19 anos de idade.

Passou a infância em Anitápolis, com os pais, que professavam a religião evangélica luterana, e as cinco irmãs: Maria Emília Wagner Krautz (Miloca), Benilde Wagner Torres (Nilda), Matilde Wagner Probst (Lula), Eulália Adélia Wagner Lückmann (Lala) e Dília Verônica Wagner Haveroth. Balcino, sempre bem humorado, contava que sua mãe dizia que ele era o filho mais bonito que ela tinha. Depois completava: “Mãe só tinha eu de filho homem!”, soltando uma generosa risada.

Seu pai, José Henrique Wagner, que ficou órfão aos 3 anos, veio para Anitápolis para trabalhar como funcionário público. Tinha a incumbência de encaminhar os imigrantes alemães aos lotes cedidos pelo governo estadual na incipiente colônia. Por isso, era conhecido por todas as famílias germânicas que ali se instalaram, mantendo com elas harmoniosa relação. Por seu papel na colonização de Anitápolis, é tido como um dos benfeitores do município. Com o término da imigração, Zé Lico, como era chamado, passou a trabalhar como tropeiro. Comprava mercadorias e tropas dos colonos e ia vendê-las nos mais longínquos rincões do estado e até fora dele. Passou a negociar couro de antas, que eram caçadas por seu amigo Frederico

Andersen. Levava-as, a cavalo, até Caxias do Sul, onde as comerciava numa indústria de curtume pertencente a um italiano chamado Abramo, que se tornou seu amigo. Essas viagens duravam semanas e, assim que atingiu 12 anos, o pequeno Balcino passou a percorrer o longo trajeto com o pai. Nessa época, José Henrique alcançou patrimônio inestimável, sobretudo terras e cabeças de gado. Com o advento dos caminhões, o ofício de tropeiro



Balcino Matias Wagner, de terno preto, segundo da esquerda para direita, com amigos, em Jacinto Machado.

tornou-se obsoleto. José Henrique não aderiu à era dos caminhões e, por isso, ficou pobre. Cada um dos filhos, ante essa situação, teve de lutar pela própria subsistência.



Foto Greyce



(48) 3276-1334
(48) 98459-5339
fotogreyce1334@gmail.com

Somos uma família de fotógrafos e administramos nossa empresa há mais de 30 anos, onde talvez, em algum momento, já tenhamos feito parte da sua vida. Temos experiência em diversos segmentos da fotografia, aprendemos juntos a direcionar nosso olhar de acordo com a luz e a sombra para compor nossas fotografias. E, ainda assim, continuamos buscando a excelência a cada dia. Em nosso estúdio ou em seu evento, carinho, dedicação, responsabilidade e respeito com você, pois de nossos trabalhos queremos que você tenha sempre uma boa lembrança.

Balcino, contando 17 anos, foi trabalhar em um pedreira em Jacinto Machado, onde permaneceu por um ano. O trabalho era árduo: cortar e carregar pedras de manhã a noite. Lá, onde predominava a colonização



italiana, fez muitos amigos e, em pouco tempo, aprendeu com eles o idioma italiano. Adquirindo alguma soma resolveu, como jovem, curtir um pouco a vida. Resolveu vir passar o carnaval no afamado Salão do Seu Talico. Interpelou seu pai, que lhe admoestou: “Filho, nós somos pobres. O pai não tem dinheiro para te arrumar. Só se quiseres vender a tua vaca e, com o dinheiro da venda, ires ao carnaval do Barracão.” Foi o que Balcino fez. Hospedou-se na casa do cunhado Zeca Torres e, ao longo dos quatro dias do carnaval, consumiu todo o dinheiro da venda da vaca. Financeiramente, o carnaval no Barracão não valeu a pena mas, por outro lado, proporcionou-lhe conhecer aquela que seria a mulher de sua vida: Virgínia d’Aquino – uma bela jovem de 15 anos, bastante discreta e introspectiva. Trocaram olhares, dançaram respeitosamente e, escondidinhos, deram os primeiros beijos e abraços. Selava-se ali o início de uma união que se estenderia por mais de seis décadas!

Balcino gastara suas economias nessa animada festa. Precisava se restabelecer, preparar-se para o futuro. Indicaram-lhe ir trabalhar numa fecularia em Serra do Pitoco, hoje Atalanta. Lá permaneceu por pouco mais de um ano e, como sempre, fez mais uma porção de amizades, que perdurariam por toda a sua longa vida. Juntando

algumas economias, regressou ao Barracão, onde reencontrou sua amada. Agora, ela estava dando aula no Alto Caeté. Firmaram o namoro e, em fins de 1943, ou seja, há quase 70 anos, contraíram matrimônio.

Os primeiros anos de vida do novo casal passaram no Caeté, onde Balcino instalou um bar ao lado da morada do amigo Nicolau Scheidt. O convívio com as famílias alemãs reacendeu o idioma de seus pais e, em pouco tempo, estava comunicando-se em alemão com seus clientes. O Caeté, à época, era tradicionalmente palco de desavenças e intrigas. Mas Balcino e Virgínia, com sua índole conciliadora, mantiveram-se alheios aos problemas que surgiam ao seu redor, permanecendo em harmonia com os vizinhos e com a comunidade. Quando deixaram a localidade, transferindo-se para o Barracão, os vizinhos choravam copiosamente, lamentando a saída dos amigos.

Estabeleceram-se em Barracão em meados da década de 1940. Tempos difíceis. Não havia fartura. Tinham que trabalhar incansavelmente e economizar todo o centavo para poder sustentar os filhos que iam nascendo. Estes, desde pequenos, foram instigados ao trabalho. Os primogênitos Edgar e Mazinho, bem cedinho, antes de irem à aula, pegavam as bicicletinhas e iam distribuir o leite que mãe vendia. Ao voltarem da escola, almoçavam e iam para a roça. Lentamente, com muito trabalho e economia, os Wagner foram progredindo. Na década de 1950, Balcino instalou uma olaria.



Comprou caminhão e, lentamente, foi ampliando os negócios. Incentivou e viabilizou em parte aos filhos primogênitos o trabalho no transporte de mercadorias, com caminhão. Foram eles um dos precursores nessa atividade no município, promovendo significativamente o progresso para a cidade.

À medida em que envelhecia, seu Balcino ia gradualmente deixando seus afazeres, dedicando-se mais à vida social, que tanto prezava desde a mais tenra juventude. Era amigo de ricos, pobres, velhos, jovens, era fonte de pesquisa de crianças, enfim, à medida em que ia alcançando longevidade com perfeita lucidez, foi se tornando um arquivo indispensável a qualquer tipo de pesquisa que se ousasse empreender em Alfredo Wagner. A todos que lhe procuravam, tinha uma história interessante a compartilhar. Recordava-se tanto de fatos pretéritos quanto dos atuais com facilidade incrível.

No dia de sua partida, a Igreja Matriz de Alfredo Wagner ficou lotada para o seu funeral. Seus incontáveis amigos se fizeram presentes em peso para lhe render preitos de reconhecimento e gratidão, muitos dos quais emocionados por terem de dar o último adeus a esse homem que parecia eterno. Balcino foi amigo de tantas gerações de alfredenses.

Felizmente inúmeras homenagens ele recebeu em vida graças às suas tantas ações em prol do desenvolvimento de nossa cidade. Foi dos primeiros sócios do clube, doou terreno para a escola que, com justiça, leva seu nome, e parte do terreno para a construção do hospital. Homem desprendido e generoso, quando da urbanização da Rua Pe. Cristóvão, orientou o chefe das obras para que alargasse bem a via no trecho em que ela cortava seu terreno. Surpreso, seu Izidoro indagou: “Mas por que tanto, compadre?”. Balcino replicou: “Temos que pensar no futuro, compadre. Hoje são carroças e poucos carros. Daqui uns anos, o trânsito aumentará e faltará espaço.”. Se percebemos, até hoje a Rua Pe. Cristóvão é mais larga no percurso que corta a propriedade de Balcino. Nos demais trechos, os proprietários não consentiram com o alargamento.

Assim viveu Balcino, pensando, sobretudo no coletivo, vivendo humilde e modestamente. Abriu mão muitas vezes de bens materiais mas, em compensação, não abriu mão da prodigues, da benevolência, da paz e do cultivo da amizade com o maior número possível de pessoas com quem conviveu, as quais nunca o esquecem e reverenciam sua marcante vida.



O SÍTIO ARQUEOLÓGICO

A matéria publicada pela revista Pesquisas é importantíssima para a história do município pois revela quem foram alguns dos primitivos moradores do município há muitos séculos atrás. As citações estão em itálico:

O ACHADO

Em 1965 o Pe. João Alfredo Rohr foi informado pelo chefe do Setor de Contabilidade Pública do Centro de Treinamento de Estudos contábeis da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Catarina, Dr. Luis Henrique Batista, da existência de um sítio arqueológico com artefatos de madeira e fibra em nosso município, relativamente bem conservados (o que era extremamente raro, como afirma o Pe. Rohr). A informação foi acompanhada de peças encontrados no local, como trançado de fibra de imbé, artefato de madeira em forma de muleta, machado ou raspador de pedra.

O LOCAL

O Pe. Rohr fez uma primeira visita em 1966 e constatou que o local fazia parte de um pântano que fora drenado para utilização do barro na Olaria do Sr. Balcino Matias Wagner.

O material arqueológico é encontrado, particularmente, a sessenta e a oitenta centímetros de profundidade, em meio a uma camada de argila úmida de cor negra, com elevado teor de detritos vegetais decompostos. O sítio assenta sobre rocha arenítica em decomposição, de cor branco-amarelada. (...)

As condições ecológicas do sítio eram muito favoráveis. Os pinheiros abasteciam a maloca de alimento saio e rico em carboidratos. Ocorrem na região ainda araçás, gravatás, frutas de conde, cerejas silvestres e outras frutas silvestres. (...)

Quanto à origem do sítio, é plausível que, no lugar do atual banhado, no

topo do morro, dentro da mata, existisse na época, uma nascente de água límpida e cristalina.

Os índios levantaram acampamento ao lado desta nascente, que abastecia o arraial de água potável. Cuidaram, também, da drenagem, porque a queda na esplanada era pouca.

Coagidos, um dia, a abandonarem o sítio, às pressas, deixaram no local os seus trates de madeira, de fibra e de pedra.

A maloca, coberta com ramos de pinheiro, com cascas e folhas de árvores, acabou ruindo por terra. O telhado caiu sobre o material arqueológico. (...)

Uma vez cobertos de água e lama, ao abrigo da ação destruidora do oxigênio do ar, a conservação dos artefatos de madeira e de fibra estava garantida.

Assim permaneceu o local até que iniciou-se a retirada de barro para a olaria, permitindo a descoberta de um sítio cujas datações assinalam mais de 3 mil anos soterrado.



A ESCAVAÇÃO

O Pe. Rohr e sua equipe iniciaram as escavações em 19 de maio de 1967 e encerraram no dia 31 do mesmo mês. Primeiramente elaborou-se uma detalhada planta do local.

Uma área de cento e vinte e oito metros quadrados foi estaqueada com enquadramento de dois em dois metros, cada setor ficou, portanto, com 4 metros quadrados cada.

DE ALFREDO WAGNER

Durante a escavação encontraram os arqueólogos três camadas com cores nítidas representando os períodos de ocupação.

(...) até a profundidade de oitenta centímetros aparece uma camada de húmus argiloso de cor negra, com elevado teor de detritos orgânicos.

(...) De oitenta a cento e trinta centímetros, temos uma camada de argila himica e plástica de cor amarela-escura, que constituía o fundo do banhado extinto. É rocha decomposta, contendo pequeno teor de detritos orgânicos.

De metro e meio em diante, temos rocha arenítica em decomposição, de cor amarelo-clara, quase branca que constitui o embasamento do sítio.

MATERIAL ARQUEOLÓGICO

O material arqueológico foi encontrado na camada de terra preta. Ali, a sessenta centímetros de profundidade havia um primeiro nível de ocupação.

(...) Neste nível, o solo estava juntado de centenas de seixos rolados, trazidos do rio; de artefatos de pedra, de fibra e de madeira; de cipós, e paus, alguns de vinte centímetros de espessura, e parte deles, parcialmente, carbonizados pelo fogo. Havia, também, abundantes cascas de árvores.

Entre o material encontrado destacam-se machados, batedores, amoladores, quebra-coquinhos, etc. Entre os artefatos de madeira encontravam-se

trançados de fibra de imbé que faziam parte de cestinhas e arcos.

Nesta mesma camada de terra preta, a oitenta centímetros de profundidade, foi encontrado segundo nível de ocupação. Além de vestígios de madeira em decomposição, havia algumas dezenas de cascalhos trazidos do rio e alguns artefatos líticos. Os artefatos deste segundo nível de ocupação, no formato geral, não se afastam muito dos artefatos do nível de sessenta centímetros. Achavam-se, no entanto, em estado muito adiantado de decomposição, esfarelado-se, a maioria deles, ao contato da ferramenta.

Neste nível foi difícil conseguir artefatos carbonizados para a datação radio-ativa. Pacientemente, como ressalta o Pe. Rohr, foram retiradas *finas fatias de argila negra e adesiva.*

Uma informação importante é acrescentada ao final do capítulo, que permite estabelecer, através de suposições, um período para o acampamento:

Em nenhum dos níveis foi encontrado vestígio de cerâmica.

A revista PESQUISAS Antropologia Nº 17 passa a relacionar os artefatos encontrados no Sítio Arqueológico de Alfredo Wagner SC-VI - 13, mas isto fica para próximo artigo! As peças encontradas em 1967 pelo Pe. João Alfredo Rohr estão no Museu do Homem do Sambaqui catalogadas e arquivadas. Na abertura do site do Museu podemos ler a informação:



PROVitta
Farmácia de Manipulação

R. Hercílio Luz, 110,
Alfredo Wagner - SC, 88450-000
Telefone: (43) 3276-1060



CRESOL
Sicooper

Rua Rui Barbosa, 94 - Centro
CEP: 88450-000
Alfredo Wagner (SC)
48 3276.2021

O Museu do Homem do Sambaqui é um lugar que nos proporciona uma viagem aos longínquos tempos, há mais de quatro mil anos, e nos causa admiração pela presença das descobertas realizadas pelo padre e pesquisador jesuíta João Alfredo Rohr, SJ. O Museu guarda e cuida com carinho um rico material histórico, educativo e acadêmico; tudo o que é exposto torna-se um instrumento mediador de educação, aprendizagem e conhecimento, tanto para crianças e jovens que iniciam seus estudos, como para os que se encontram em etapas mais avançadas, como os graduandos, professores e pesquisadores.

MATERIAL ENCONTRADO

O Museu do Homem do Sambaqui, através de Jefferson Batista Garcia, responsável pelo arquivo fotográfico, gentilmente cedeu as imagens para a publicação no site do Jornal Alfredo Wagner online. Algumas serão reproduzidas aqui.

Relembrando nossos leitores que, segundo datação realizada nos Estados Unidos, os artefatos encontrados datam de 3.000 anos,

De acordo com a revista PESQUISAS, Antropologia, nº 17 - Ano 1967, "O Sítio Arqueológico de Alfredo Wagner SC - VI 13" aqui "foram encontrados artefatos de madeira, artefatos de fibra e artefatos de pedra".

1, Os artefatos de madeira foram em número de três, o primeiro com a forma de curta muleta fabricada de nó de pinho, com 25 centímetros de comprimento. Provavelmente se trate de um tembetá ((do tupi antigo (e)mbe-tara ou (e)metara), também chamado de tametara, metara e pedra de beijo). Ou seja, um enfeite labial. O segundo artefato de madeira assemelha-se a um prego de madeira, feito também de nó de pinho. Supõe-se que "se trata de um virote, isto é, ponta de flecha destinada a atordoar pássaros ou a derrubar pinhões". O terceiro artefato, semelhante ao anterior, um pouco mais comprido e a cabeça mais grossa.

Diz o Pe. João Alfredo Rohr:
"Todos os três artefatos,

possivelmente, possuísem superfície, perfeitamente, polida, mas sofreram decomposição superficial, em decorrência da longa exposição à humidade." página 11.



2. A segunda categoria de artefatos encontrados foram trançados de folhas de imbé (phyllodendron pertusum). Oito artefatos foram encontrados no Sítio Arqueológico de Alfredo Wagner. Três peças foram retiradas ao nível de sessenta centímetros pelo próprio Pe. Rohr e equipe, e outros cinco foram retirados pelo oleiro no mesmo nível. Em sua descrição o Pe. Rohr não especifica se o "oleiro" era o proprietário do terreno, Sr. Balcino Matias Wagner, ou algum trabalhador da olaria, pois não menciona nomes.

O primeiro artefato é uma espiral de fibra que envolvia a ponta de um arco que desapareceu, mantendo, entretanto, a forma. O segundo artefato de fibra, encontrado ao lado do primeiro e semelhante a ele, porém menor em tamanho. Por fim, o terceiro artefato, uma espécie de trançado de fibra feito fitas muito finas de imbé.

Muito interessante a descrição feita pelo Pe. Rohr deste trançado:

"As fibras individuais possuem, aproximadamente, um milímetro de



largura. O tecido tem uns cento e sessenta centímetros de comprimento por oitenta de largura. É composto de tiras individuais justapostas e comprimidas.

Cada tira individual horizontal, é formada por duas fitas onduladas e enroladas uma ao redor da outra, ficando as ondulações opostas, formando como que os elos de uma corrente. Através destes elos, de espaço a espaço, passa uma fita vertical que dá consistência ao trançado.

Todo trançado é tão regular e perfeito, que dá a impressão de se tratar de trabalho de fábrica e demonstra habilidade extraordinária, por parte do artífice indígena.

O conjunto formava pequena cestinha.”

Os artefatos encontrados pelo oleiro: quarto artefato uma espécie de tecido trançado de fibra finíssima de imbé, o quinto artefato é formado “por um volumoso conjunto de centenas de fitas de fibra onduladas e enroladas duas a duas, uma ao redor da outra, lembrando os elos de uma corrente”. O sexto artefato é um trançado de fibra de imbé, de quinze centímetro de comprimento. O sétimo é uma corda dobrada em feixes de seis centímetros de comprimento, amarrado com fita de imbé. A corda é da mesma fibra.

Diz o Pe. Rohr que “o comprimento da corda é de, aproximadamente, dois metros e a espessura de um centímetro. É formada por duas fitas de imbé de centímetro e meio de largura, torcidas e enroladas uma ao redor da outra.

Podia servir como corda de arco.”

A oitava peça é uma fita de imbé de dois e meio centímetros de largura e metro e meio de comprimento com um nó ligando as duas pontas.

O terceiro tipo de material arqueológico encontrado no terreno do Sr.

Balcino Matias Wagner são os artefatos líticos. Machados, quebra-coquinhos, batedores, amoladores, e seixos do rio sem evidências de uso e outros lascados.



Artefatos de folhas de imbé, pedra e madeira foram encontrados no sítio arqueológico

As conclusões da pesquisa realizada pelo Pe. João Alfredo Rohr foram publicadas, após a descrição do trabalho arqueológico, na Revista PESQUISAS - Arqueologia, nº 17 - Ano 1967, com o título “O sítio arqueológico de Alfredo Wagner - S.C. - VI - 13.” A revista pertence ao Instituto Anchietano de Pesquisas, de São Leopoldo, Rio Grande do Sul.

O denominado Sítio SC-VI-13, localiza-se em Alfredo Wagner a uma altitude de quinhentos metros entre as estradas Florianópolis-Lages-Rio do Sul, é considerado pelo Pe. Rohr como sendo “particularmente interessante, por ter machados líticos com cabo solidário, bem como artefatos de madeira e trançado de fibra ainda conservados”. Fato “extremamente raro”, conclui o padre arqueólogo.

Um evento geológico, possivelmente um desmoronamento, obrigou os primitivos habitantes a abandonar o sítio as pressas, deixando seus pertences para trás. Razão por ter sido preservado pelo tempo.

AUTOESCOLA SANTA CATARINA

1ª Habilitação

Renovação 2ª Via

Mudança de Categoria

Aulas p/ Automóvel e Moto

Edenilson Schafer
TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA
CREA/SC 12.1996-3

Projetos Agrícolas - Investimentos - Custeio

(48) 9 9830-1937 edenilsonschafer@gmail.com

Rua Rui Barbosa, 84 - Centro - Alfredo Wagner - SC

“A conservação do material de madeira foi possível, devido a água, que alagou o acampamento ou maloca indígena, não muito tempo depois de estes terem abandonado o sítio.” (op. cit. página 20)



Pacientemente a equipe do Pe. João Alfredo Rohr foi retirando camada por camada e anotando tudo para preservar para a história:

“Cobertura superficial de capoeiras e arbustos. Até sete ou oito centímetros, húmus recente de cor parda, proveniente de folhas em decomposição. A seguir, uma camada de argila de cor negra, com alto teor de detritos orgânicos, até a profundidade de oitenta centímetros. Esta camada apresenta-se rachada e fendida em todos os sentidos, formando colunas de barro, em decorrência da contração do barro e da lama do pântano ao secar, após a drenagem.

“A esta, segue uma camada de argila plástica de cor amarela-escura, com pequeno teor de detritos orgânicos, de quarenta centímetros de espessura. Daí em diante temos terra amarela-clara, proveniente de rocha arenítica em decomposição.

“O material arqueológico é encontrado, particularmente, no nível de sessenta centímetros e no nível de oitenta centímetros de profundidade; revelando duas ocupações. A primeira ocupação, no nível de oitenta centímetros, foi pouco prolongada.” (op. cit. página 20)

Foram encontrados no nível de sessenta centímetros pedras levadas do rio sendo em grande número e com “evidências de uso como machados, quebra-coquinhos, batedores, amoladores etc.”

A maloca ou habitação indígena desabou cobrindo o material fazendo o Pe. Rohr supor “ter havido uma casa coberta de ramos de pinheiro e cascas de árvores, tudo amarrado com cipós. O telhado desta casa parece ter ruído sobre o material arqueológico, após a casa ser abandonada pelos inquilinos”

Quem seriam os moradores deste local? Deve estar se perguntando o leitor atento!

“Quanto à identidade dos construtores do Sítio Arqueológico SC-VI-13 possivelmente se trate de botocudo ou caigangue que foram encontrados na região pelos primeiros colonizadores.”

Esta conclusão, assim como a que finaliza o tópico, devem ter sofrido alterações após o Pe. Rohr ter recebido os resultados dos testes de datação realizados nos Estados Unidos, no Museu Nacional de Washington. A datação revelou um período acima de 3000 anos, alterando consideravelmente a suposição do Padre que, em campo supôs o uso do local entre seiscentos e oitocentos anos.

O presente resumo Sobre o sítio arqueológico de Alfredo Wagner/SC só foi possível graças a colaboração de entidades que preservam e mantêm o acervo inestimável das obras coletadas e escritas do Pe. João Alfredo Rohr aos quais agradeço o fornecimento de todo material e a autorização para a publicação: Instituto Anchietao de Pesquisas e o Museu do Homem do Sambaqui - Colégio Catarinense. A ação destas duas entidades em preservar e guardar o patrimônio de civilizações anteriores serviu de exemplo para que em Alfredo Wagner brotasse o espírito e a vocação arqueológica e o gosto pela história!

Após a passagem do Padre Rohr por Alfredo Wagner, inúmeros estudantes de arqueologia voltaram sua atenção para o município. A criação do Museu de Arqueologia de Lomba Alta, pelo Eng. Altair Wagner foi importante para a preservação dos artefatos encontrados nos campos pelos proprietários rurais que, depois, doaram para a Fundação Alfredo Henrique Wagner, mantenedora do Museu.

OBRAS REQUEREM SALVAMENTO ARQUEOLÓGICO

Como a descoberta de sítios arqueológicos é freqüentemente ocasional, sendo muitas vezes feita por proprietários rurais, agricultores, construtores ou pedreiros durante suas atividades de trabalho, muito do patrimônio arqueológico já foi destruído por falta de conhecimento ou para evitar a pesquisa no local, considerada um problema para muitos.

Quando vestígios arqueológicos são encontrados em pequenas obras, o empreendedor tem que contatar o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) que realizará estudos e liberará o local. A demora do Iphan na realização desses estudos - o que paralisa as obras - é um dos principais motivos da não notificação e da destruição proposital. Já para as grandes obras de engenharia (como hidrelétricas, estradas e construções habitacionais) há, desde 1986, uma lei que obriga a realização prévia de um estudo de impacto ambiental (o chamado EIA-Rima) que inclui medidas de salvamento arqueológico.

A exigência de EIA-Rima obrigou os empreendedores a desenvolverem estudos e implementarem medidas minimizadoras de impactos negativos, não só para os meios físico e biótico, mas também para o meio sócio-cultural, o que abrange inclusive o patrimônio arqueológico.

Com isso, desenvolveu-se, nos últimos anos, uma nova modalidade arqueológica no Brasil: a “arqueologia por contrato”. Surgiu, então, a figura do arqueólogo ‘profissional liberal’, além de empresas especializadas em prestar consultorias e desenvolver pesquisas no âmbito de empreendimentos. Dessa forma, a destruição dos sítios, até então muito freqüente, foi amenizada pelos salvamentos. É uma forma de proteção parcial porque não exclui a destruição dos sítios, mas preserva a informação sobre os materiais neles encontrados.

Para Maria Clara Migliaccio, arqueóloga licenciada do Iphan, as pesquisas

arqueológicas desenvolvidas no âmbito da “arqueologia por contrato” estão trazendo à pauta novos desafios como, por exemplo, a regulamentação da profissão de arqueólogo e a discussão das práticas de campo no chamado “salvamento arqueológico” dos sítios ameaçados por obras e empreendimentos. Segundo ela, muito do patrimônio arqueológico brasileiro já foi perdido e houve muitos problemas de paralisação de obra, mediante embargo. Nos casos de omissão e destruição proposital dos sítios, além de ter que arcar com os custos do salvamento arqueológico - a remoção das peças do local -, o empreendedor pode ser responsabilizado e ter que implementar medidas adicionais compensatórias.

A destruição de sítios ocorreu em muitos casos porque, quando um sítio arqueológico é encontrado surgem impedimentos legais à exploração da área. Isso pode implicar paralisação de projetos que poderiam empregar as pessoas de uma região ou, em outro caso, impedimento do cultivo agrícola de uma propriedade, até que sejam realizados os trabalhos de salvamento. “Como o Iphan nunca tem verba para diárias, não tem número de arqueólogos suficiente em seus quadros, essas questões ficam muito mais complicadas”, diz Martha Maria de Castro e Silva, do Museu de História Natural da UFMG.

O problema da demora excessiva para o licenciamento de pesquisas foi um dos motivos de uma ação movida pela Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB), entre 1990 e 1991, contra o Iphan. Além desse problema, uma série de arqueólogos contestava as autorizações fornecidas pelo Iphan para a pesquisa nos sítios identificados, que favoreciam alguns poucos pesquisadores e restringiam a ampliação das possibilidades de pesquisa. Maria Clara Migliaccio entende a preocupação da SAB em relação à demora nos processos de autorização para pesquisas, mas acredita que a

pressão da entidade deveria ter sido direcionada para que o governo brasileiro melhorasse a infra-estrutura da instituição. Segundo ela, a pressão resultou numa menor exigência para o licenciamento de novas pesquisas. *“Hoje o Iphan continua com a mesma carência de estrutura e, para atender a demanda, passou a priorizar os processos de licenciamento em fase de autorização para as pesquisas, continuando com poucas condições de realizar um acompanhamento mais rigoroso dos relatórios e dos resultados”*. Na opinião de Maria Clara Migliaccio, a SAB, na época, perdeu a oportunidade de ajudar a melhorar a estrutura de uma instituição imprescindível para a proteção do patrimônio arqueológico brasileiro.

SÍTIOS SÃO BENS DA UNIÃO

Como forma de tornar público e coletivo o patrimônio arqueológico brasileiro, os sítios arqueológicos são considerados, desde a Constituição Federal de 1988, bens da União. A legislação básica é de 1961, Lei 3924, mas a Constituição

de 1988 a redefiniu e a reafirmou. O Iphan, criado em 1937, e atualmente vinculado ao Ministério da Cultura, é o responsável legal pela gestão, preservação, fiscalização e autorização de pesquisa e exploração dos sítios arqueológicos no Brasil.

Além dessa entidade, outras instituições patrimoniais estaduais e municipais participam dessa gestão, como é o caso do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (Iepha) de Minas Gerais, ou do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat).

Os estados e municípios podem criar leis relativas ao patrimônio, instrumentos normativos e portarias, desde que não contradigam a legislação federal. Nessa gestão, ainda colaboram junto ao Iphan, instituições de ensino, sobretudo universidades, museus e organizações da sociedade civil.

Artigo publicado por MK no site:

<https://www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/arqueologia/arq09.shtml>

BIBLIOGRAFIA

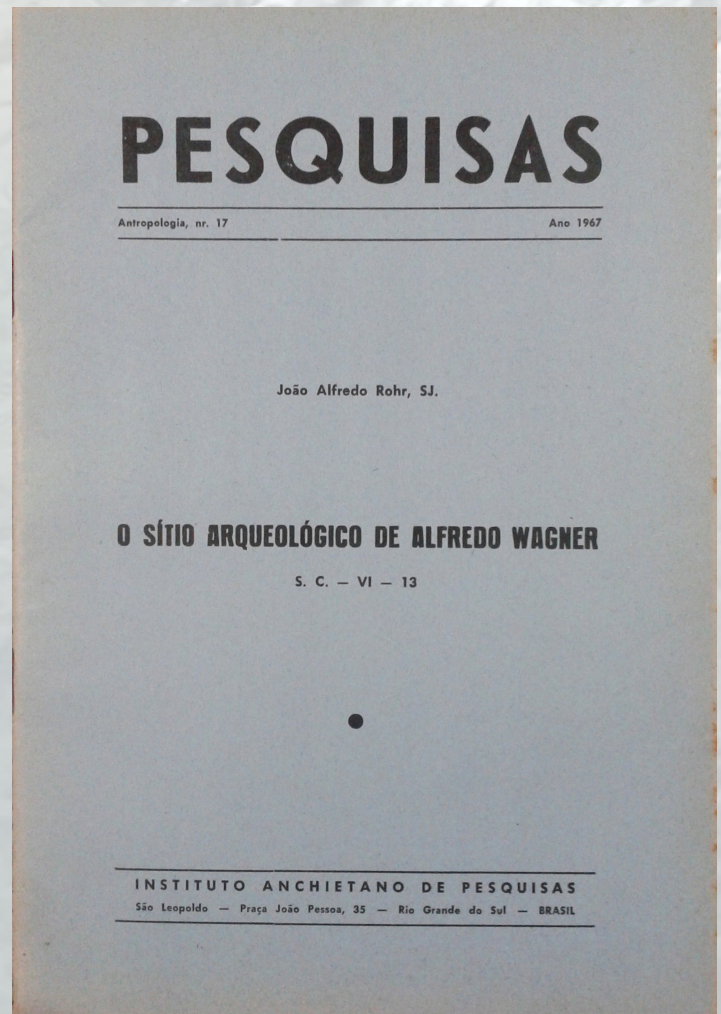
É vasta a bibliografia referente à geologia, arqueologia e antropologia do Sul do Brasil e em especial sobre Alfredo Wagner.

Na *Alfredo Wagner em Revista - Jubileu de Diamante* utilizamos principalmente três obras, embora muitas poderiam ser citadas:

ROHR, João Alfredo. O sítio arqueológico de Alfredo Wagner, SC VI 13. *Pesquisas, Série Antropologia*, São Leopoldo, 17, 1967

_____. Os sítios arqueológicos do Planalto Catarinense, Brasil. *Pesquisas, Série Antropologia*, São Leopoldo, n.24, 1971.

WAGNER, Altair. *Alfredo Wagner: Terra, Água, Índios*. Florianópolis; Ed. do Autor, 2002.



ARQUEOLOGIA EM ALFREDO WAGNER

Desde meados de junho de 2014, o prof. Dr. Lucas Bueno e alunos integrantes do Laboratório de Estudos Interdisciplinares em Arqueologia (LEIA), vinculado ao Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), realizaram pesquisas arqueológicas no município de Alfredo Wagner.

O objetivo era produzir conhecimento sobre o passado da área onde está instalado o município e, deste modo, dar continuidade as atividades desenvolvidas por outros pesquisadores nos últimos 50 anos.

Na década de 1960, o arqueólogo Pe. João Alfredo Rohr realizou as primeiras escavações arqueológicas em Alfredo Wagner. Em um sítio arqueológico localizado próximo a área central do município, na época propriedade do Sr. Balcino Wagner, Rohr encontrou artefatos produzidos em rochas (através do lascamento e/ou do polimento) e em madeira, além de fibras vegetais – estas que se preservaram de forma excepcional devido ao ambiente úmido. O acervo reunido nesta pesquisa está exposto no Museu do Homem do Sambaqui, localizado no Colégio Catarinense, em Florianópolis.

Nos anos seguintes, apesar da realização de pesquisas arqueológicas em municípios próximos, nenhum estudo foi desenvolvido especificamente em Alfredo Wagner. Somente a partir da década de 1990, com os trabalhos realizados pelo Sr. Altair Wagner, é que se tem uma ampliação do conhecimento acerca do patrimônio arqueológico local.

A partir das informações publicadas pelo Sr. Altair no livro *Alfredo Wagner: Terra, Água e Índios*, estamos visitando alguns destes locais visando verificar a existência de vestígios arqueológicos, efetuar registros fotográficos e coletar dados referentes à

localização.

Ao longo dos meses, a equipe continuou com o reconhecimento de sítios arqueológicos pelo município, na sede e nas localidades de Lomba Alta, Poço Certo, Pedra Branca, Riozinho e Caeté.

Os alunos, em artigo publicado pelas páginas do <https://jornalaw.com.br> agradeceram a receptividade e colaboração, mencionando especialmente as famílias que apoiaram a pesquisa e especialmente ao Dr. Altair Wagner.



Figura 1 - Equipe do LEIA/UFSC vistoriando sítio arqueológico composto por estruturas ou "casas" subterrâneas na localidade de Pedra Branca, em propriedade do Sr. Antônio Anildo Couto ("Pernambuco").



Figura 2 - Integrante do LEIA/UFSC vistoriando a "Gruta do Riozinho".



Figura 3 - Integrante do LEIA/UFSC efetuando reconhecimento de estruturas ou "casas" subterrâneas localizadas na propriedade do Sr. Balcino Wagner, próximo à área central de Alfredo Wagner.



PALAVRAS DO PREFEITO

Alfredo Wagner está completando 60 anos de emancipação política em 2021!

Embora a Prefeitura Municipal de Alfredo Wagner, neste momento de Pandemia, não possa participar como apoiadora da Revista do Jubileu de Diamante, seu editor o Jornalista Mauro Demarchi, me pediu para dizer algumas palavras como Prefeito do Município no encerramento desta primeira edição e em preparação para as próximas que sairão futuramente.

A história de Alfredo Wagner é muito bonita e a Revista acertou em nos fazer voltar ao passado para ver que somos ligados a ele e precisamos conhecê-lo para não cometer os mesmos erros.

É importante conhecer o passado e esta primeira revista trás muitos fatos sobre a pré-história do Município de Alfredo Wagner.

É importante preservar os achados relativos à nossa pré-história sem medo de perder a posse de locais considerados sítios arqueológicos. O conhecimento não vem destruir a posse, pelo contrário, vem valorizar o achado.

É importante divulgar e fazer conhecer os fatos históricos para que se tenha uma noção completa daqueles que deixaram suas pegadas em nossas terras. O conhecimento acumulado por eles é também importante para o nosso futuro!

Em boa hora é publicada esta Revista do Jubileu de Diamante de Alfredo Wagner! Mais 3 edições estão previstas: a Colonia Militar Santa Thereza, Barracão e Sombrio e por último virá a edição sobre Alfredo Wagner em 2021.

A história deve ser conhecida, deve ser estudada e guardada com carinho.

Alfredo Wagner, 7 de Abril de 2021

Gilmar Sani

Prefeito Municipal



PREFEITURA DE
ALFREDO WAGNER
Capital Catarinense das Nascentes

60 anos
1961 - 2021